

# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utéis.

1.] PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

[MAIO 6, 1837.

## INTRODUÇÃO.

De todas as coisas que se offercem ao homem para lhe recrear os momentos de ocio, é a leitura talvez a mais aprazível, e seguramente a mais proveitosa. Sem quebrar o seu fepouso domestico, sem vaguar pelas ondas do oceano, ou trilhar peregrino as sendas e desvios de paizes remotos, diante de seus olhos se corre o panno á scena do mundo passado e presente, e do mundo da sciencia e da arte: trava conversação com as personagens mais distinctas de todas as epochas, e com os mais nobres engenhos de todas as idades: tracta as intelligencias dos diversos paizes, e bebe a largos tragos na taça da sabedoria. Cidadão de todas as republicas, membro de qualquer sociedade, contemporaneo de qualquer seculo, só o homem dado á leitura pôde com verdade dizer que para elle foi o Universo creado.

Os antigos inventaram uma grande variedade de jogos publicos, para nelles gastarem as horas que não consagravam aos negocios do estado, ou aos interesses privados. Nasceram assim os combates do circo, os theatros, as naumachias, e tantos outros espectaculos, que attrahiam a attenção do povo desoccupado. Faltava aos antigos a leitura; porque, ignorando a arte do multiplicar as copias dos livros, estes não podiam ser populares, e ficavam só ao alcance dos abastados, ou dos sabios, que faziam do estudo o emprego da sua vida. Por esta causa a civilização grega e romana foi mui diversa da que hoje encontramos no meio das naçoens modernas da Europa. Nos dois grandes povos da antiguidade a policia era mais apparente do que intima; mais tendente a affirmosear, por assim dizermos, o aspecto da sociedade, do que a melhorar o caracter moral do homem, e a cultivar-lhe a intelligencia. Os preceitos da Philosophia, os descobrimentos das sciencias, eram guardados no seio dos lyceus e escholâs, como um thesouro, cujas riquezas não revertiam em beneficio commum. Por esta arte volveram muitos seculos; as naçoens surgiram umas apoz outras, e a barbaria estava no amago da vida humana, posto que esta parecesse muitas vezes aperfeiçoar-se, e que a gloria e o luxo tornasse brilhante a passagem de muitas raças pela face da terra.

Assim o Grego era supersticioso, cruel, e refalsado; em cada phenomeno extraordinario da natureza via a colera dos numes; e sem pudor condenava o virtuoso em odio da virtude: assim o Romano batia as palmas vendo correr no circo o sangue dos gladiadores, ou fazia combater seus escravos junto ás mesas dos banquetes e da prostituição, para lhe alegrarem a alma feroz com o espectaculo das feridas: e, republicano orgulhoso, o simples cidadão de Roma era mais rico de tyrannias do que o despota mais barbaço das regioens da Asia.

Nasceu o christianismo, cujo objecto era reformar os costumes: mas os seus effeitos beneficos o foram quasi só para o coração do homem. Dahi proveio que o imperio da ignorancia popular não foi destruido, antes augmentou no meio das espantosas revoluçoens que passaram por essas eras. A idade media veio de-

pois, bella e sublime em todos os costumes gerados pela religião do Evangelho, porém monstruosa e selvagem em todos os usos e habitos que nasciam das idéas de povos embrutecidos.

Foi a arte da Impressão, inventada no meado do XV seculo, que deu principio á epocha da verdadeira civilização. A sciencia até então era como a fonte pobre, que jorrando em um lago fechado, ali morre e se esvae pela terra, sem ser util ás veigas visinhas: com a invenção da typographia, porém, pouco e pouco se tornou manancial abundante, transpoz as margens, e correndo semelhante a rio caudal, fertilizou e cubriu de viço os campos da vida. O saber rasgou o seu véo de mysterio, e o homem, a quem a consciencia revelava um futuro de gloria litteraria, não deixou mais passar esta voz como a recordação de um sonho. Os livros em breve se multiplicaram por tal modo, que em menos de um seculo os volumes sahidos dos diversos prelos da Europa subiam ao numero de milhoens, e pôde-se conceber até que ponto terão hoje augmentado, se nos lembarmos que só os impressos nesta parte do mundo que habitamos, montam annualmente a mais de cincoenta mil obras diversas, multiplicadas por milhares de copias. Bella é por certo a historia dos progressos da intelligencia, que em tão curto espaço tentámos boquejar: mas, força é dizê-lo, a riqueza nos tornou pobres. Os descobrimentos, as invengens, e a meditação do genio, do talento, ou do estudo, nem sempre poderam seguir de par os progressos da arte de escrever. Muitas coisas inuteis e até damnosas se publicaram: milhares de escriptores vestiram por molde seu alheias concepçoens; milhares nos deram volumes abundantes de palavras e quasi ermos de idéas. Por outra parte, as observaçoens e as theorias ácerca de qualquer ramo dos conhecimentos humanos vieram umas apoz outras: cada uma destas variedades ou mudanças foi representada por um ou por muitos livros, e sem receio podemos affirmar que hoje a ninguem é dado nem sequer o examinar os escriptos que existem ácerca de uma sciencia só, quanto mais tentar instruir-se na totalidade dellas. No seculo XIX a existencia de um Aristoteles seria absolutamente impossivel.

Daqui se originou o caracter particular da civilização litteraria do nosso seculo: a individualidade quasi desapareceu no imperio do saber; as sciencias concatenaram-se estreitamente, e os homens superiores ao genero-humano, que achamos na antiguidade, como Platão e Cicero, não podem surgir no meio de nós: a instrução é só uma; quem a possui é sómente a humanidade. Que sabio ousaria alevantar-se no meio da grande familia europea, e dizer ás intelligencias: “vinde escutar-me, que eu serei vosso mestre?”

Neste estado, pois, da illustração e do progresso, o que mais importa é o dilatar por todas as naçoens, e introduzir em todas as classes da sociedade o amor da instrução; porque este é o espirito do nosso tempo, e porque esta tendencia é generosa e util.

Mas como se dilataria a instrução, como se faria descer a variada sciencia até os ultimos degraus da escala social, se houvessemos de empregar nisto essa multidão de escriptos especiaes sobre todos os conhecimentos humanos, esses innumeraveis livros accumulados por toda a parte em bibliothecas immensas? Fôra baldada empreza, como o prova o que ácerca disto dissemos. Além disso, o homem publico, o artista, o agricultor, o commerciante, ligados a uma vida necessariamente laboriosa, poucas horas tem de repouso para dar á cultura do espirito; e nenhum animo, por certo, seria assaz curioso de instrução, para gastar esses curtos momentos em folhear centenas de volumes, e embrenhar-se em meditações profundas, que só uma applicação constante pôde tornar proficuas. Que é pois necessario fazer para que seja satisfeita a necessidade de generalisar a instrução; para traduzir em obras a idéa característica do tempo actual? A solução deste problema encontra-se na historia litteraria da Europa, nos ultimos vinte annos.

De feito, á parte mais util da moderna litteratura tem sido o resumir os amplos productos da intelligencia. Com uma rapidez admiravel tem surgido os compendios, os quadros synopticos, os jornaes de instrução popular. A' custa de sacrificios pecunia-rios, e, o que é mais que tudo, de vigílias estereis de gloria, tem-se derramado entre o povo, não a historia do estudo, mas o seu resultado: a sciencia se introduz tanto no tecto do abastado, como no abrigo do pobre, e mostrando a mão do Creador em todas as obras do Universo, ergue até os degraus do seu throno o nosso pensamento no meio do tumulto do mundo.

A nação portugueza, cumpre confessa-lo, é uma das que menos tem seguido este movimento progressivo da humanidade. O nosso povo ignora immensas coisas que muito lhe importava conhecer, e esta falta de instrução sente-se até nas classes, que, pela sua posição social, deviam ser illustradas. Entre os mesmos homens dados ás letras, se acha falharem repetidas vezes, as noções elementares de tudo o que não é objecto do seu especial estudo, e a sciencia em Portugal está ainda longe de ter aquelle caracter de unidade, que ganha diariamente no meio das outras nações.

Assim a Sociedade Propagadora dos conhecimentos uteis julgou dever seguir o exemplo dos paizes mais illustrados, fazendo publicar um jornal que derramasse uma instrução variada, e que podesse aproveitar a todas as classes de cidadãos, accommodando-o ao estado de atrazo, em que ainda nos achamos. Esta nobre empreza será por certo louvada e protegida por todos aquelles, que amam deveras a civilização da sua patria.

Sinceramente confessámos a nossa decadencia intellectual: com a gloria das armas morreu a nossa gloria litteraria. Sabemo-lo bem; nem para o saber careciamos dos insultos que muitos estranhos tem lançado sobre nossas cabeças por este motivo. Tal procedimento nos parece vilmente cruel. O estrangeiro, que se assentou á nossa mesa, que achou o somno do repouso debaixo do nosso tecto, vai para o seu paiz escarnecer dos males e da ignorancia que entre nós introduziram desventuras de tres seculos, e fazer do nome portuguez o baldão dos povos. Semelhante procedimento se pôde comparar ao do homem abastado, que recebido e acatado no tugurio do pobre, fosse depois na sala de seus banquetes motejar das estreitezas daquelle que o acolheu como irmão.

Entretanto estas affrontas não devem desanimarnos: ellas procedem em parte do nosso antigo renome, que ainda pesa no espirito dos estrangeiros.

Anjos despenhados, procuremos subir outra vez ás alturas de que, não nós, mas sim torrentes de calamidades publicas nos precipitaram. Trabalhemos por nos instruir e melhorar nossos costumes, augmentando a civilização nacional. E' esta a mais bella resposta, que podemos dar ás accusações dos estranhos: é esta a unica resposta digna do caracter generoso, que nossos avós nos herdaram, e que não acabou de todo atravez de tres seculos de decadencia.

Em ultimo logar diremos que talentos mais conspicuos, engenhos de mais vasta erudição, se poderiam ter encarregado da Redacção deste Jornal; porém, de certo, ninguém com melhores desejos de levar a cabo o virtuoso e patriótico proposito da Sociedade Propagadora dos conhecimentos uteis.

## A ARCHITECTURA GOTHICA.

### IGREJA DO CARMO EM LISBOA.

EM NOSSO PAIZ os monumentos do estylo gothico tem sido assaz desprezados, e até a barbaridade e ignorancia lhes tem feito uma guerra cruel. Nas provincias septentrionaes do reino, onde a Monarchia teve o berço, e se levantaram os mais antigos edificios nacionaes, já poucos vestigios existem destes, e construoens mesquinhas os tem substituido. Os velhos mosteiros do Minho e da Beira estão de ha muito convertidos em casarias semelhantes a alojamentos de soldados, e os templos veneraveis da idade media se derrubaram para em logar delles se alevantarem salas ou armazens, de mais ou menos ambito, porém onde nem uma pedra falla do passado, onde nada respira uma idéa religiosa. As arcarias gothicas, o claro solenne de uma luz reflectida no marmore do pavimento, atravez dos vidros córados das frestas esguias — os portaes profundos formados de series de arcos pontecagudos, successivamente mais estreitos e baixos, e que eram na fachada como um symbolo do mysterio — as torres erguidas dos campanarios, cujos cimos pyramidaes pareciam apontar para o ceo — as columnas delgadas e subindo a prodigiosa altura, semelhantes ao pensamento que se ergue até o throno do Senhor — tudo isto desapareceu. Apenas uma ou outra cathedral, um ou outro mosteiro, conserva as formas da sua architectura primitiva; mas estas bellas formas estão cobertas de estuques, de dourados, de madeiras entalhadas com ridiculo máu-gosto. O capitel gothico, tão symbolico, tão semelhante ao vaso do incenso empregado nas solemnidades religiosas, foi sotto-posto, e coberto pelo capitel corinthio, adorno proprio de outro systema de architectura, e adaptado a outra ordem de idéas religiosas. A' hora em que isto escrevemos soam talvez as pancadas dos martellos na antiga collegiada de Guimarães, onde se vão gastando largas sommas, para destruir em parte, em parte tornar monstruosa, uma das mais formosas obras da architectura nacional.

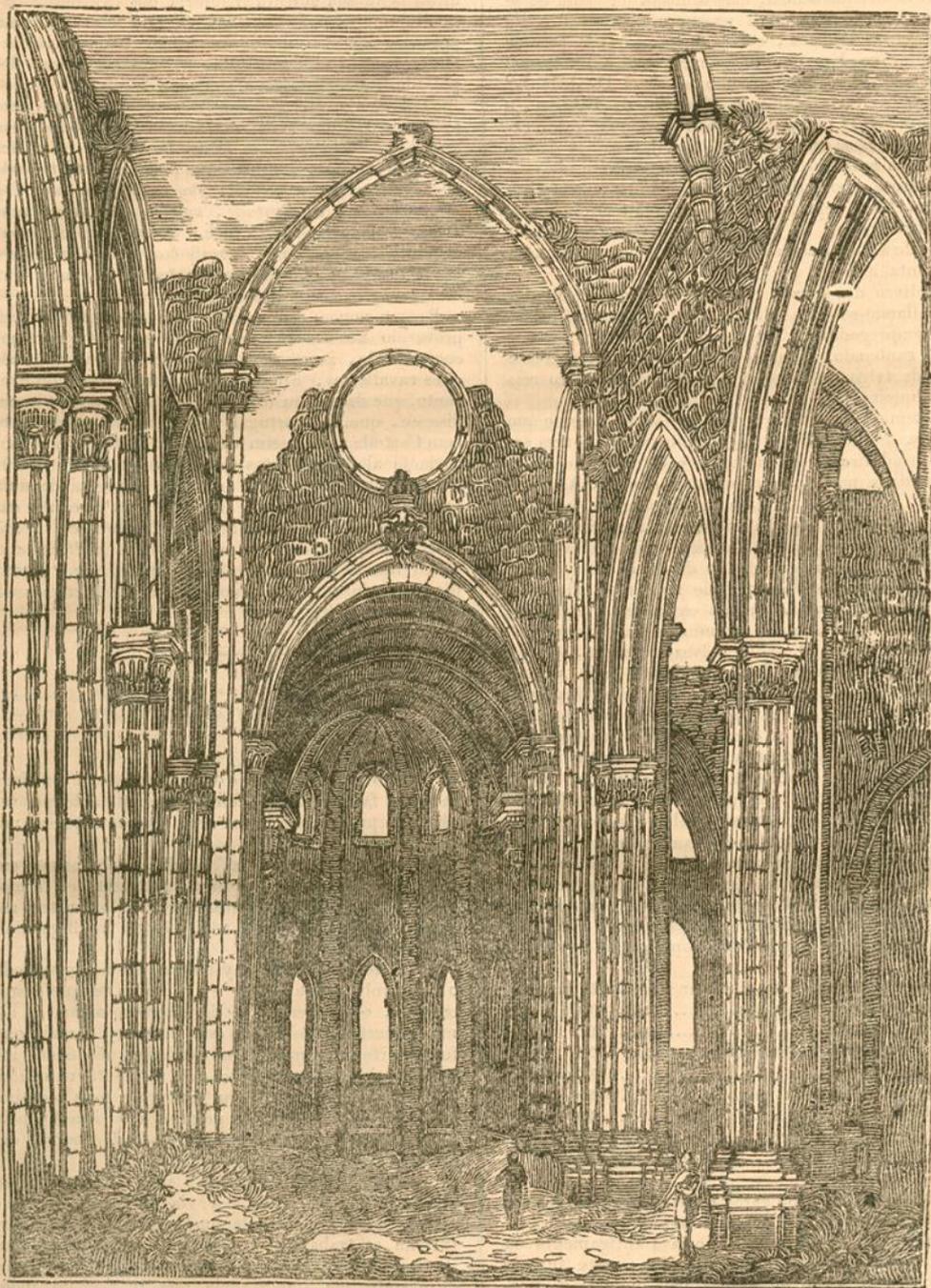
Para salvar o que ainda resta, cumpria que o Governo, e as Municipalidades vigiassem pela conservação destes monumentos, e podessem cohibir essas barbaras demolições. Na Inglaterra e na França seriamente se cuida em conservar e reparar esses edificios, que são como a historia da intelligencia e da grandeza do paiz, e que talvez em breve serão modelo para os artífices, quando de todo acabar o preconceito de que em artes só o grego e o romano é bello; quando se persuadirem que os habitos, as opiniões, e as erenças de uma nação devem estar em harmonia com os seus monumentos.

Em Strasburgo existe uma escola especial de architectos e esculptores, cujo mister é reparar e aperfeiçoar a celebre cathedral desta cidade, seguin-

do o systema gothico em que ella foi construida. Se algum dia em Portugal se podesse fazer outro tanto, por ventura veriamos levado a cabo o riquissimo mosteiro da Batalha, que é a admiração de todos os estrangeiros que o examinam. Entretanto conservemos o que nos resta, e que, sobre tudo nas provincias meridionaes do reino, ainda

é bastante para aformosear o solo que nos deu o berço.

Procuraremos neste *Jornal* dar o desenho de todos esses edificios, de que podermos haver copia. A menor perfeição das gravuras, abertas em madeira, não os deixará apparecer em toda a sua formosura: mas a Sociedade julgou dever preferir o fazer



INTERIOR DA IGREJA DO CARMO EM LISBOA.

grava-los por artistas portuguezes a manda-los esculpir fóra do paiz. Assim se animará e aperfeiçoará entre nós a arte de gravar em madeira, e esperamos que dentro em alguns mezes o beryl portuguez iguale neste genero de obras o primor com que apparecem gravadas as estampas daquelles jornaes estrangeiros, cuja instituição é semelhante á do nosso.

A batalha de Aljubarrota não só assegurou a Portugal a sua independencia, mas tambem foi causa de se construírem os dois mais preciosos monumentos da architectura christã, que jámais em nosso paiz se alevantaram. Em quanto, por causa de um voto que fizera antes de começar o combate, elrei D. João I.º lançava os fundamentos do Mosteiro da Batalha, o Condestavel D. Nuno, obrigado por igual voto, erguia em Lisboa um templo, de cujas ruinas damos a gravura neste numero do Panorama. Foi a obra ao que parece começada pelos annos de 1389 e acabada em 1422, epocha em que a architectura gothica chegava quasi ao cume do seu esplendor: assim esta fabrica magnifica se concluiu em pouco mais de trinta annos.

No livro dos brazões e armas das familias do reino, fallando-se deste edificio, se diz, que os officiaes nelle empregados andavam a soldo de treze réis por dia, ganhando assim o preço de dois alqueires e meio de trigo, que nesse tempo corria a cinco réis por alqueire.

O templo da *Senhora do Vencimento*, nome que lhe pôz seu fundador, foi durante mais de tres seculos a admiração dos naturaes e estranhos, e a elle se prendiam muitas recordações nacionaes. Alli, aos pés da Cruz, veio o salvador da Monarchia, o maior capitão daquella epocha, despresar a gloria de cem combates, curvar, á voz da obediencia monastica, a fronte do homem grande, e depôr aquella espada que atterrara Castella, e a que no campo não ousava esperar o mais esforçado cavalleiro. Alli, na obscuridade do claustro, dormiu o seu ultimo sono o Condestavel D. Nuno Alvarez Pereira.

Os restos deste edificio que ainda hoje vemos, não são unicamente as ruinas que ficaram depois do Terremoto de 1755. A' excepção dos muros externos, parece que tudo se derrocou por essa occasião, e o estado actual das columnas que dividem as naves, mostram que de novo se tentou reedifica-lo. Houve com tudo o bom juizo de conservar a unidade da architectura: e em quanto pelas sés do reino a ignorancia do clero secular ía e vai destruindo os formosos monumentos da arte christã e nacional, os frades mostravam que o gosto e o siso se acolhêra aos claustros, não destruindo a harmonia do desenho, nem a sublimidade da architectura religiosa.

As dimensoens internas do templo são as seguintes:

Comprimento da porta ao altar mór...	327	''
Largura das tres naves.....	100	''
Altura do templo.....	112	''
Vão dos arcos que separam as naves.	27	''
Altura destes, era.....	78	''
Largura da capella mór.....	30	''
Altura, era.....	70	''
Largura do cruzeiro.....	40	''
Comprimento, era.....	150	''

Quanto ao systema geral do edificio referimo-nos ao desenho que delle apresentamos.

O tumulo do Condestavel estava antigamente na capella-mór, do lado do Evangelho: este tumulo tinha sido mandado de França pela duqueza de Borgonha, quarta neta de D. Nuno Alvarez; na frente estava levantado o vulto do Condestavel, armado de armas brancas, e sobre a campaa aultava tambem

a sua imagem, porém vestida de habito de leigo carmelita. Junto delle, em uma especie de nicho aberto na parede, jazia sepultada Iria Gonçalves, mãe do heroe de Aljubarrota. No cruzeiro da igreja estavam as sepulturas do nosso celebre poeta Antonio Ferreira e do Chronista mór João Baptista Lavanha.

Neste convento do Carmo se conservavam varias cartas do Condestavel: nas quaes se vê a pouca, ou antes nenhuma cultura litteraria dos cavalleiros daquelle tempo. Pareceu-nos curioso dar aqui uma pequena amostra do estilo de D. Nuno Alvarez, transcrevendo algumas linhas de uma carta, que, depois de frade, escreveu a sua neta D. Isabel.

*A Senhora D. Zavel minha netinha faga deos santa. — Ninguna reson tenedes pera renharme, por que hei grão prazer de letras bossas leer. Os dias atraz ubi [recebi] huma bossa, que me foy tragida por bentura, e se non bos foy respondida, non foy menga [falta] de bontade, mas de mui pouca saudade que para ello [isso] tubc. Escrever a Fernando mais avondo [mais vezes] bos non faga tenerdevos em o logo [terdes em conta] de que más a cl do que a bos hei d'afeiçom &c.*

Remataremos este artigo com a origem de um proverbio nosso. Estando o Condestavel, já velho, conversando, ácerca de coisas de guerra, com alguns cavalleiros, e encostado a uma janella do convento, que dava para o Rocio, houve entre elles quem dissesse, que se Portugal tivesse algum rompimento com Castella, elle assim quebrado de forças não poderia já alancear tantos castelhanos como d'antes fizera. Ouvindo isto o Condestavel, pegou de uma lança, despediu-a pelos ares, e a fez ir cair a extraordinaria distancia, accrescentando. *Se a minha Patria carecer de mim, ainda metterei essa lança não só em Castella, mas em Africa.* Dahi, dizem, nasceu o dito popular de *Metter uma lança em Africa.*

## DA EDUCAÇÃO PHYSICA.

O objecto da educação é o desenvolver e cultivar todas as facultades do homem, por tal arte que venham a preencher o fim para que a natureza no-las concedeu.

Podem-se distinguir as facultades humanas em tres classes, a saber: physicas, intellectuaes, e moraes, e dividir-se, portanto, a educação em tres ramos: educação physica, educação da intelligencia, e educação moral.

Consiste a educação physica em dar ao corpo todo o desenvolvimento, força e agilidade, de que é susceptivel, e considerando-o depois como organ da alma, aperfeiçoa-lo, por este motivo, o mais que for possível: porque, em verdade, não é dos interesses do corpo sómente que se tracta na educação physica; mas tambem vantagens para o espirito nella se buscam. Os progressos da intelligencia e o desenvolvimento da sensibilidade dependem, em grande parte, de influencias physicas.

Tem-se visto almas fortes e puras habitar corpos debeis e frageis: mas, por via de regra, a organisação viciosa e a saude quebrada empecem e perturbam os trabalhos do espirito, e imprimem nos sentimentos intimos um sello de corrupção. E' pois de grandissima importancia que se ponham todos os meios para fortificar e tornar sadia a constituição das creanças. O gosto da vida laboriosa, e a capacidade do homem para se dar a ella, raramente

se poderão encontrar, sem esta principal condição; e como as classes populares vivem em geral dos recursos da sua industria, seria atraçoiar-lhes os interesses vitaes, se menos-prezassemos curar da sua educação physica.

Para assizadamente dirigir esta, e guerrear com proveito os funestos habitos, que a ignorancia e as usanças arreigadas ainda contrapõem á razão e experiencia, cumpre que as pessoas encarregadas da educação da infancia possuam noçoes de anatomia, de physiologia e de hygienia popular.

A anatomia, dando-nos a conhecer a estrutura do corpo-humano, e o uso, delicadeza e importancia de cada organo; a physiologia, explicando as funções, harmonia e desenvolvimento destes organos; a hygienia, indicando os meios de os conservar robustos e saudaveis, nos ministram instrucções preciosas, que nenhum homem bem educado deve de ora em diante ignorar. Tem-se posto de parte semelhantes estudos, e tracta-se com desprezo a educação physica, por que se considera o corpo como fonte de todos os vicios, e olhamos os nossos organos como instrumentos da corrupção do espirito. Falsissimos preconceitos são estes, dos quaes devemos fugir; pois a boa razão e a sciencia nos ensinam que a alma rege o corpo, e quanto mais se examina a estrutura do homem, mais descobrimos ser o corpo humano admiravel ainda, comparado com as mais bellas creações do universo sensível.

Quanto á physiologia e anatomia que é necessario geralmente saber, isto é, que tem uma applicação domestica e popular, daremos dellas noçoes em outro lugar, passando agora a fallar daquella parte da hygienia, que importa immediatamente á educação physica da infancia. Consiste ella na dietetica, ou modo de nos alimentar, na temperatura da atmosphera, no ar e na luz, no acieo, nos meios de prevenir as doenças contagiosas, nas horas da vigilia e do somno, do repouso e do trabalho, na escolha das posições do corpo, e finalmente em toda a maneira de exercicios gymnasticos.

Quanto aos alimentos, bom seria que os peitos maternos fossem para o infante recém-nascido, e nos primeiros mezes da sua existencia, a unica fonte da conservação da vida; porque máus resultados physicos e moraes podem provir da alimentação comprada a amas mercenarias. Não entra, com tudo, em conta dos deveres maternos o sacrificar a existencia para cumprir uma obrigação que o é só, em quanto moralmente é possível. Depois do sustento primitivo, a melhor alimentação, em qualquer epocha da vida, será sempre a que for mais simples, e sendo ao mesmo tempo a hora da refeição regular. O mais que neste lugar poderíamos dizer ácerca dos alimentos, o guardamos para quando especialmente fallarmos da hygienia popular.

Os edificios destinados para escholas ou collegios devem ser voltados ao poente, tomando as necessarias precauções para quebrar a força do sol nos mezes calmosos. Cumpre que estes edificios sejam collocados em alturas, onde o sopro dos ventos possa renovar facilmente a atmosphera, e construidos de modo que a humidade os não torne mal-sãos, e que ao mesmo tempo recebam o ar e a luz em torrentes, por meio de janellas espaçosas. Nas escholas onde se reúnem muitos individuos, o ar se está viciando continuamente, e por isso continuamente deve ser renovado.

O desaceio é uma das primeiras causas da corrupção atmospherica, pelo que é necessario vigiar muito as creanças a este respeito. Na idade infantil, o homem não tende para ser aceado, nem para deixar de o ser, e a educação é que o faz seguir

um ou outro caminho. Habituaos á limpeza, as creanças a amarão constantemente na vida. Deve-se cuidar nesta parte da sua educação por tal arte, que se lhes vigie constantemente a limpeza dos vestuarios, dos habitos da vida commum, e das pessoas, sem que pareça quere-los constringer ao acieo: por que aliás serão limpos, não por gosto, mas só por costume, o qual pode facilmente perder-se.

As horas do somno e do repouso cumpre sejam regulares, e proporcionadas á idade e forças das creanças. Na juventude ou na virilidade póde o homem variar o tempo do repouso, e encurtar-lhe ou prolongar-lhe a duração, sem que dahi resulte damno sensível para a saúde, como a experiencia nos mostra; porém na infancia não acontece o mesmo, e sobre tudo, quando assim não fosse, bastaria a razão de que nesta epocha da vida é sempre damnoso o habito da irregularidade.

Quanto aos exercicios gymnasticos daremos sobre elles um artigo especial.

### O POVO RUSSIANO.

Considerando o presente estado da civilização na Russia, e a connexão intima que ha entre os desejos e as fruições do homem, não me sinto disposto a julgar que a maioria dos servos Russos viva menos commodamente do que os Indios livres. E' verdade que nada possuem, mas tambem o é que nada desejam. Pessoas dignas de credito me informaram que uma caravana de cem camponeses, que transporta assucar de Moscow para S. Petersburgo, passará uma noite inteira n'uma estalagem, e entre todos não gastarão trinta reis, por não chegarem a tanto as suas posses. Miseravel como é, se a avaliarmos pelas nossas idéas de felicidade, a condição destes homens, com tudo, deixa de o ser tanto em realidade, porque elles nem veem, nem conhecem outro estado. O seu senhor está muito acima delles para que lhes possa excitar ambição, ou inveja; e entre um e outros não ha classe intermedia. Em quanto podem satisfazer as precisões ordinarias da natureza nada mais cobiçam: despidos de providencia, não se agonião com o futuro; a flagellação imposta nesta hora esquece logo na immediata, e não se receiam do que lhes ha-de vir.

E' ainda mais nos effeitos moraes do que nos physicos que se manifesta a fatal influencia da escravidão, e da ignorancia, que esta promove e perpetua. Quanto possui um servo daquelles, até a mulher, é propriedade do senhor. Como em muitos casos o assassínio seria a recompensa de uma paixão licenciosa, esta convicção, á falta de lei, é uma especie de freio para o superior; porém basta a mera existencia do poder, inda que raras vezes exercitado, para affrouxar os vinculos da reciprocidade social. Os servos vivem, e quasi que a certos respeito obram como os animaes: andam appensos ao terreno que habitam, e não podem legalmente alienar-se delle; mas esta lei é repetidas vezes illudida, e são comprados e vendidos como outra qualquer propriedade semente. Um proprietario tem direito ao trabalho de seus escravos masculinos tres dias na semana sem remuneração alguma: se o emprego nos outros quatro dias deve fornecer-lo de sustento e vestuario. Geralmente interesses mutuos conduzem a um contracto reciproco; e ao servo é concedido trabalhar por sua propria conta, pagando ao senhor certo *abrok*, ou renda. Se além desta renda tira lucros, os esconde, e a primeira coisa que lhe ensinaram, mal tinha uso de razão, foi enganar o senhor: para o conseguir precisa enganar os escravos seus companheiros, do que nas-

ce a infame velhacaria, e o habito de uma perfidia descarada. A conveniencia propria é sempre a fiadora da boa diligencia; e logo que o trabalho do servo enriquece superabundantemente o senhor, removida a causa da industria, o servo fica habitualmente ocioso. Uma determinada mandriice é a principal feição de seu caracter: tudo o que não fór impulso physico não a subjuga. Não respeitado pelos outros, não se respeita a si proprio: porque não tem reputação que perder. Se alguma occasião de roubar se lhe offerece, quem o impedirá? Se o descobrirem será espancado, mas elle está acostumado a se-lo, e o gozo dos objectos roubados não tem o descontento dos remorsos da consciencia, ou de um principio violado.

Este quadro é melancolico, mas verdadeiro; e assim ha-de permanecer, até que a illustração e a liberdade despontem naquella terra envolta nas névras.

A condição abatida do povo é resultado necessario da servidão: e não procede da carencia de capacidade moral e intellectual, pelo contrario o paiznismo a possui e em gráo muito notavel. Não se dá alli o caso de não ser possível melhorar seu estado mais do que está. Os Russos são em geral dotados dos elementos do caracter christão, posto que desfigurado, e como encoberto pela ignorancia, superstição, e outros fructos fataes da escravidão. Informou-me um amigo meu, que por lá passou a maior parte da sua vida, que a convicção bastante arraigada do peccado original e individual, e uma singela esperanza [quanto o permitem seus conhecimentos] nos merecimentos do Salvador, caracterisam os Russianos. Prestam grande attenção á instrução religiosa; e uma Biblia é o presente mais valioso, que se pôde offerecer a um pobre homem. O meu amigo me contou algumas das scenas, que presenciou, visitando as prisões com uma pessoa, que, sendo natural de Inglaterra e residente na Russia, fez ahi tamanha impressão, que nunca será esquecida; fallo de Mr. Venning. — O subito silencio, e devota preparação dos presos, e soldados da guarda, quando Mr. Venning se dispoz a ler a Biblia; o ar com que, fallando em segredo, passavam uns aos outros este aviso solemne: "*Vai ler-se a palavra de Deos*"; a inalteravel e anhelante attenção de todos os ouvintes; o instante peditorio de alguns soldádos, que sollicitavam uma Biblia, declarando que desejavam lê-la uns aos outros quando estivessem de serviço; e o pesar, que manifestaram, ouvindo que o governo tinha prohibido a dádava, que elles requeriam: todas estas e outras muitas passagens interessantes mostram que os Russos estão preparados para receber o Evangelho em toda a pureza, quando lhe possa ser annuciado; e affervoram a esperanza, não entusiasta, mas sobria e bem fundada, de que, quando a Deos aprouver remover a obscuridade que ainda assombra a terra, avultadas porções do genero humano se acharão dispostas a sacudir os grilhoens de opprobriosa superstição, e a crer e adorar em espirito, e verdade.

[*Reparem bem os nossos leitores que está fallando um protestante; e já sabem que a Sociedade Propagadora da Biblia, a imprime em Londres, e a distribue em todas as linguas.*]

O meu amigo mencionou um facto interessante. Pouco depois da espantosa inundação de 1824, atravessando o Neva em uma barca de passageiros, onde fám muitos camponezes, despertou-lhe a curiosidade a conversação destes, que frequentes vezes versava sobre este ponto. — "É que tal foi a temivel visita que tivemos!" — "Sim, mas nós bem a merecemos. Olha lá como somos peccadores." — "Certamente que é verdade; e de mais, bem o conhecemos. Sim, senhor; não ha um de nós, sequer, que não

tenha provocado a ira de Deos com a sua maldade. Tanto nobres, como servos, todos somos máos." — "Não ha duvida, e digo-te que não me admiraria se viesse coisa ainda peor; e nós o merecemos, porque nos não pesa do mal que obramos, nem fazemos caso dos castigos de Deos, como devemos." — A chegada do barco á margem opposta privou o meu amigo de ouvir o resto desta curiosa conversa, sustentada entre dois rusticos paizanos, que um estrangeiro supporia possuírem apenas duas idéas além das providencias indispensaveis á vida. Elle me assegurou que este caso não era fóra do commum; pelo contrario os sentimentos alli apontados podem servir de amostra dos de toda a nação em geral. Parece ser notavel feição do caracter nacional, que as idéas primarias estão repassadas de uma certa substancia religiosa; e que os Russos, não tendo outras, obtiveram pelo cultivo dellas um certo conhecimento de religião, que apenas requer se lhe plantem as incorruptiveis verdades do Evangelho para produzir fructos espirituaes. Todavia, a despeito de uma natural tendencia para moralisar, a escravidão impede o Russo de subir ao ponto a que a moralidade o elevaria.

Presentemente os Russos estão no estado de sentirem vehementemente a carencia de uma classe media; porque o povo, em geral escravo, dista infinitamente da nobreza, que é por extremo numerosa, e dividida em tres ramos, hereditaria, inherente aos cargos publicos, e militar. Elles estão sobejamente civilizados para que desconhecem que são escravos; e muito pouco adiantados na civilisação para poderem restringir o autoerata, e os nobres, por meio da opinião publica.

Com tudo é impossível visitar hoje aquelle paiz, e pensar no que elle era ha um seculo, sem ficar attonito vendo o que é actualmente. É extraordinaria a rapidez de seu progresso: com a diffusão das artes e das manufacturas, a condição moral do povo [com especialidade nas cidades populosas] tem experimentado decisiva e importante alteração. — *Extracto das Cartas sobre o Norte de Elliot.*

## HISTORIA NATURAL.

QUANDO contemplamos d'espaco as obras maravilhosas da natureza, espaiando a vista pelo theatro do Universo; considerando a sua magestosa belleza, constante ordem e magníficos ornamentos; o glorioso esplendor e uniforme movimento dos Ceos; a curiosa fórma e fragante mimo das plantas; as exquisitas figuras dos animaes; e todos os demais estupendos milagres da criação, onde tão conspicuamente se ostentam os gloriosos attributos de seu Auctor, e em especial sua transcendente bondade; a nossa profunda admiração rompe em hymnos gratulatorios ao Creador Supremo: mas, apoz tão sublime sentimento, vem logo estimular-nos a curiosidade de indagar e conhecer pelo miudo tantas maravilhas. O exame dos phenomenos do Globo, e dos entes que o povoam, é digno do homem. Conveniente e agradável estudo é este, que, recreando o espirito, o enche conjunctamente de noçoens uteis e exactas, germen fecundo de numerosas applicaçoes no decurso da vida. Exercitando assim a sua intelligencia, conseguiu o homem sujeitar a seus usos domesticos tantos animaes, ou mais fortes ou mais ageis do que elle, para companheiros de suas fadigas, para supprimento de suas forças, e até para seu alimento: desta arte soube converter em seu proveito, não só os fructos da terra patentes á vista, mas até, devassando-lhe as entranhas, os thesouros que ella lhe escondia.

Esta intelligencia, dada da Divindade, e este emprego proficuo, que della tem feito, lhe renderam o nobre titulo de rei da creação. E será decoroso ao possuidor de tão largo e excellento dominio desconhecer a sua possessão? O homem que lança vistas estupidas sobre o espectáculo da natureza sem apreciar seus portentos, sem avaliar os dons de que se está utilizando, semelha áquelle proprietario dissipador, que no meio do bullicio e luxo das cidades consome as rendas de seus fertes campos herdados, aos quaes nem uma só vez ainda fez visita. E' coisa vergonhosa ignorar a historia dos entes e objectos com que frequentemente estamos lidando, das singularidades e prodigios da natureza, que tantas vezes dão materia ás conversações; e em nossos dias, quando tão amplas são as fontes d'instrução, e tão pouco reconditas, estando vulgarisados em obras excellentes e de facil percepção os rudimentos essenciaes da historia da natureza. Demasiado tem sido em nossa terra esquecido, ou despresado, tão importante estudo: apesar dos poucos, mas distinctos, sabios, que contamos neste ramo dos conhecimentos humanos, permanece ainda patrimonio de raros, que frequentam as sciencias; e não está popularisado como convinha, e o fazem nos paizes estrangeiros tantos Jornaes, e obras simples e claras, destinadas á instrução publica. Não dizemos, que invadido o dominio das Aulas se queira ensinar ao povo a Historia Natural, a Meteorologia, a Physica, etc. methodica e miudamente, porque nem todos tem vagar ou precisão de seguir um estudo regular, nem o nosso povo, carecedor de outras instruções preparatorias, está muito apto para aproveitar tal ensino: mas é inquestionavel e sobremaneira util a conveniencia de publicar obras escriptas, para assim dizermos, familiarmente, sobre aquelles assumptos, e artigos, que, posto que avulsos, sempre são incentivos da curiosidade, despertam o gosto de outras leituras, e fixam algumas idéas. Firmemente acreditamos, que até para recreio e instrução da mocidade, mais aproveitarão as descrições convenientemente elaboradas, por exemplo, de alguns animaes, de algumas plantas, etc., do que os Apologos ou Fabulas que na teura idade costumam dar-lher a ler e a decorar. As fabulas suppoem uma certa perspicacia para lhes entender as allusões: as demasiadas claras são insipidas; e além disso a maior parte dos interlocutores, que lhes introduzem, são desconhecidos aos meninos, e então para a intelligencia da fabula necessarias são as descrições; e não seria melhor dar logo aos meninos essas descrições? Em logar de lhes ler o apologo da Raposa e do Corvo, contar-lhes os costumes, as astucias, em summa, a historia desses animaes? Se buscam imagens apraziveis, objectos e assumptos recreativos, a Historia Natural os fornece em abundancia e variados, e demais a mais verdadeiros. Que necessidade ha de começar a educação de creanças com mentiras? Pretendem inicia-las na verdade principiando logo a dar-lhes noções falsas? E quererão que deste modo adquiram idéas claras e exactas? O peor é que as fabulas para se enfeitarem aproveitam quantas patranhas se tem inventado ácerca dos tres reinos da natureza; e daqui provém encontrarmos tanta gente ateimada em sustentar erros e falsidades sobre os mais simples objectos, porque na mocidade assim lh'o ensinaram.

Não é nosso intento deprimir o merito dos Fabulistas; reconhecemos e prezamos o engenho de muitos, e se tivermos de produzir exemplos nacionaes citaríamos com ufania os excellentes apologos do Sr. Maldonado: mas parece-nos podermos asseverar que taes composições são mais adequadas para desenfatiada diversão de adultos, do que para ensino

de creanças. A educação dos tenros annos deve em todas as suas partes fundamentar-se em bases seguras e verdadeiras: os variados assumptos da Historia Natural parece quadrarem-lhe bem. Daqui uma das muitas utilidades dos artigos escriptos simplesmente, e só com os adornos de um estilo ameno, recheados do maior numero de factos curiosos e interessantes, e desobstruidos das aridas dissertações scientificas: assim poderão servir de poderoso auxilio aos mestres, que tem de explicar a meninos, e de lição proveitosa e aprazivel para os que não tem propoções, nem tempo de se instruir mais a fundo nestas materias, as quaes per si tanto convidam que um sabio distincto [Barrow] disse: "A natureza se offerece á nossa contemplação com seu inexaurivel thesouro de formas variadas: nós podemos sem prejuizo, e com indivisivel deleite, perscruta-las, examinar seus processos, penetrar seus segredos. Cada genero de animaes, de plantas, de mineraes, e de meteoros, apresenta materia, em que innocente, jocunda, e proveitosamente se entrettenham nossos espiritos; e donde muitas sciencias nobres derivam, de cujo applicado estudo não só saíremos recreados, mas também melhorados e cultivados." E com effeito estes ramos de sciencia até á moral interessam; porque, além de, como todos os outros, afluem a ociosidade, tendem a promover a serenidade da alma, favoravel á recepção dos bons pensamentos: e, para nos servirmos da expressão de outro sabio: "O apaixonado pela Historia Natural não será um homem cruel e ferino, porque elle não quererá destruir caprichosamente um insecto que seja, sabendo quão exquisitamente é fabricado, e quão curiosamente configurado para o logar que é destinado a occupar no mundo animal."

A' vista destas considerações não parecerá escusado que no sentido dellas sejam inseridos na redacção deste Jornal artigos escolhidos sobre diferentes individuos, e algumas generalidades dos tres reinos da natureza, comprehendendo o maximo numero de noticias, tractado com a possivel clareza, e illustrado quando o pedir o caso com adequadas estampas.

#### DO CARGO DE ALMIRANTE.

O cargo de Almirante é hoje na Europa o maior da milicia naval. A origem desta denominação é arábica, da palavra *Amir* ou *Emir*, que significa *principe*, e do artigo *Al*. No imperio grego de Constantinopola o nome de *Amir* se dava aos governadores das provincias ou districtos, chamados também *Amiradías*. Nos cargos navaes do Paizo Imperio o Almirante ou *Emir da Armada* era o terceiro; porque antes d'elle havia o *grão-duque do mar* e o *grão-drumario*. Foi nas guerras das cruzadas, e durante o XII e XIII seculo, que este titulo se introduziu na Europa para indicar o posto de capitão mór do mar.

A Sicilia é o paiz, onde por ventura primeiramente se chamou Almirante ao general das armadas, e pouco depois, este cargo appareceu com igual nome na republica de Genova. Entre nós parece que o titulo de Almirante existia desde a mesma antiguidade, e já no reinado de D. Diniz havia o Almirante-mór, general da armada de alto-bordo, e o Almirante, que era general das galés: distincção esta que também se dava nos outros reinos da Hespanha.

Até o reinado de D. Diniz os Almirantes foram Portuguezes; mas por morte de Nuno Fernandes Cogominho. [1316] veio a Portugal exercer este cargo

Micer Manoel Peanha, Genovez, em cuja familia se perpetuou tal dignidade durante um largo periodo.

Pelo regimento de guerra de Affonso V o Almirante, quando assumia este cargo, velava as armas na igreja, como tinham por costume os cavalleiros, seguindo o que n'outro logar diremos, e no dia immediato ia com grande comitiva ao paço, onde elrei lhe entregava as insignias de general do mar, que eram um anel, uma espada curta, e um estandarte com as armas reaes, fazendo neste acto o novo almirante preito e homenagem á corôa. A sua authority era immensa, e das sentenças que dava só para elrei se podia appellar, mas tal jurisdicção só a tinha quando andava embarcado. Com o decorrer dos tempos a dignidade de almirante foi modificada, e era antes uma intendencia sobre as coisas da armada, do que um posto de milicia naval.

Em França e Inglaterra este titulo foi desconhecido até os fins do XIII seculo, e só em 1284 é que apparece a primeira nomeação de um almirante francez, sendo em documentos do anno de 1297 que na Gran-Bretanha se falla no primeiro *Almirante do Mar de Elrei d'Inglaterra*, que era um certo William Leybourne. Neste paiz, onde ainda então não havia um só navio da corôa, e onde o rei fretava em tempo de guerra os navios dos particulares, ou lh'os tirava, o almirante não era necessariamente um official de marinha, mas sim, como depois foi em Portugal, um funcionario publico, encarregado do armamento das esquadras, quando destas se carecia, o qual exercia as suas funcções, por via dos seus subalternos, e estava sujeito ao Tenente-rei do mar, o qual neste ramo de administração era a principal auctoridade de Inglaterra.

## ARTES.

*Uso do bi-chlorureto de cal para tirar as nodoas, e branquear o papel impresso, as estampas &c.*

DEVE-SE a Mr. Chevalier a excellente receita que vamos transcrever, pela qual se obtem estes importantes resultados, sem ser necessario fazer mais de que uma operação, que tem além disso a vantagem de não ser perigosa para quem a pratica. Consiste o processo em preparar uma dissolução saturada [1] de bi-chlorureto de cal, na qual, depois de filtrada, se mergulha a estampa, que deve ficar dentro do liquido até adquirir a cor branca, e isto por mais ou menos tempo, conforme a estampa submettida á operação estiver mais ou menos suja. Estampas muito amarelladas pelo tempo, e cheias de nodoas de humidade, foram no espaço de cinco minutos restituídas ao seu primitivo estado: tira-se a estampa da dissolução, e lava-se repetidas vezes em agua clara. O bi-chlorureto de cal emprega-se frio; é sómente necessario que a sua dissolução esteja bem limpida, e que o papel nella mergulhado seja depois lavado com muita agua.

Quando se quer limpar com esta composição as folhas de um livro, por mais immundas que estejam, ou mesmo tornar os cadernos de um volume, que, por exemplo, tivessem sido tirados em papel azulado, tão alvos como os impressos no mais claro papel, é indispensavel descoser o livro; em outro artigo diremos como se pôde evitar este trabalho.

[1] Nas dissoluções ha a considerar duas cousas, o liquido dissolvente, a que se dá tambem o nome de vehiculo ou menstruo, e a droga que se pretende dissolver. Diz-se que uma dissolução está saturada quando o liquido tem dissolvido a maior quantidade da droga, o que muy bem se conhece, porque em esta sendo em demasia, em vez de se dissolver, he precipitada, e assenta no vaso.

O bi-chlorureto de cal é uma preparação chimica, que se acha á venda ou pode encommendar-se nos depositos de productos chimicos: as suas outras propriedades e a maneira de o preparar acham-se descriptas no Curso de Physica e Chimica do Sr. Mouzinho d'Albuquerque.

*Apparelho para empregar o bi-chlorureto de cal.*

Faça-se preparar uma prancha de madeira branca, que tenha mais tres pollegadas de comprimento, e outras tantas de largura, que a maior estampa que se pretender branquear. As peças de que se compozer a prancha devem ser solidamente unidas, não por meio de encaixes, mas de malhetes, e não hão de ser grudadas nem bitumadas, por que a humidade derreteria o grude, e o bi-chlorureto dissolveria o bitume ordinario, e depositando-se as partes colorantes, que este contém, sobre o papel, mancha-lo-hiam. Uma borda forte, tambem de madeira branca, e de quatro pollegadas de altura, guarnece a prancha por todos os lados. Convém que não se empregue metal algum para ligar as diferentes peças do aparelho, ao menos interiormente.

Esta especie de caixa deve estar coberta de luto de cal, com o qual deverão principalmente ser bem tapadas todas as fendas d'aquella, para conservar perfeitamente o liquido; cravam-se ao longo dos quatro lados, e perto das bordas, cavilhas de madeira branca, ás quaes se dá alguma inclinação para a partes de fóra.

Junto a um dos cantos deve haver um canudo de madeira branca para a evacuação do liquido; este tubo é fechado por uma rolha de cortiça. Outro tubo de páu, de um diametro capaz de receber o bico de um funil de vidro, está verticalmente encostado e seguro a uma das bordas pela parte de dentro, sem que com tudo desça até tocar no fundo interior da caixa.

*O modo de operar é o seguinte:*

Põe-se no fundo da caixa uma folha de papel branco do tamanho da estampa; estende-se esta por cima delle, e depois com linha branca, e com a ajuda das cavilhas, tece-se uma especie de rede por cima da estampa, para que esta não possa levantar-se, e fluctuar no liquido no decurso da operação. Deita-se devagarinho no funil a dissolução do bi-chlorureto de cal. O liquido cõe sobre a prancha, e d'alli se espalha uniformemente por toda a folha ou estampa, que se quer branquear, e que fica coberta cousa de umas seis linhas, pelo menos. Deixa-se tudo no mesmo estado até que a estampa appareça perfeitamente desenxovalhada.

Logo que esteja bem clara, despeja-se o liquido, abrindo o canudo, e lança-se pelo funil agua pura para lavar a estampa; lava-se em muitas aguas, depois escorre-se toda a agua, inclinanda a estampa para o lado do canudo, e deixa-se enxambiar, depois de se haver com precaução desmanchado a rede. Tira-se a estampa antes de estar sêcca de todo, pois é necessario que elle conserve alguma humidade para não ser deteriorada nas ultimas operações por que tem de passar.

Finalmente, faz-se seccar entre dois papelões, apertando-a n'uma prensa, ou pelo menos pondo-a debaixo de um grande pezo, e mettendo os papelões entre duas taboinhas. Depois disto, a estampa não só recobrará as suas qualidades primitivas, porém até ficará mais branca do que d'antes era.

LISBOA:

NA IMPRENSA NACIONAL.